

Dilma procura novo estilo político para satisfazer anseios populares

Manifestações são apoiadas por 75% dos brasileiros, cansados dos seus políticos. Organizações da sociedade civil querem participar no esforço da Presidente para fazer “um novo pacto” social

Brasil
Clara Barata

“Volta, Lula”, ouve-se dizer cada vez mais no Brasil. A Presidente Dilma Rousseff teve uma semana negra, com as manifestações que não pararam mesmo depois de ela ter prometido “um novo pacto” com a sociedade. Procura agora um novo estilo político, que passa pela constituição de um gabinete de crise, enquanto as manifestações continuam, em São Paulo, no Rio de Janeiro e noutras cidades, mais fraccionadas, por assuntos diferentes.

Agora, 32 organizações da sociedade civil escreveram à Presidente, pedindo-lhe um lugar à mesa na reunião que anunciou no discurso que fez sexta-feira à noite, no qual prometeu juntar-se com governadores e prefeitos das principais cidades brasileiras e com os líderes das manifestações que deixaram os políticos sem saber como reagir.

Entre os signatários estão a Central Única dos Trabalhadores, a maior central sindical brasileira, o Movimento dos Sem-Terra, a União Nacional dos Estudantes, a União Nacional do Negro e o Conselho Indigenista Missionário, noticia o jornal *Estado de São Paulo*. Querem participar do diálogo para “encontrar saídas para enfrentar a grave crise urbana” nas grandes cidades.

Dilma Rousseff é conhecida como uma gestora distante dos políticos, distante do Congresso, que decide sozinha. Esta abertura aos governadores e políticos locais é já uma inversão na sua forma de actuar – e esta disponibilização das organizações da sociedade civil para trabalhar com a Presidente terá sido combinada com Lula da Silva, adianta ainda o *Estado de São Paulo*.

Disponibilizam-se para ajudar Dilma Rousseff a definir uma nova agenda política que vá de encontro às múltiplas exigências dos manifestantes – e, segundo uma sondagem da revista *Época*, 75% dos brasileiros apoiam as manifestações.

É um apoio esmagador para uma movimentação social que começou por causa da subida do preço dos transportes públicos. Mas não tão surpreendente se se levar em conta o quanto os brasileiros se sentem impacientes com os políticos que os



Manifestação em Belo Horizonte juntou cerca de 100 mil pessoas no sábado

Desinteresse pelos políticos tradicionais

Presidente do Supremo agrada a manifestantes

Os brasileiros que participam nas manifestações estão dispostos a ir votar? Um estudo Datafolha mostra que 87% apoiam a democracia, e 50% dizem que saíram à rua para protestar contra a corrupção, mas iriam votar. Embora não nos candidatos habituais. Quem lidera as preferências para a Presidência da República (as eleições são já em 2014) é Joaquim Barbosa, presidente do Supremo Tribunal Federal (30%). Em segundo lugar, está a ex-senadora Marina Silva (22%), que está a organizar

uma nova formação política, a Rede Sustentabilidade, com a qual tentará voltar a disputar as presidenciais de 2014. Mas a verdade é que a abstenção tem aumentado no Brasil: nas eleições municipais de Outubro do ano passado, 37 milhões dos 141 milhões de eleitores não foram votar. Além disso, 3,3 milhões foram às urnas mas não votaram em ninguém. Essa tendência, diz o jornal *O Globo*, regista-se sobretudo entre os mais jovens, dos 16 aos 18 anos, para quem o voto é facultativo, e entre os maiores de 70 anos.

representam, como diz José Álvaro Moisés, director do Núcleo de Pesquisa de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo. “Todas as pesquisas de opinião mostram a enorme desconfiança e insatisfação com as instituições de representação, em particular os partidos e o Congresso Nacional”, explica, por *email*.

A emoção de Milton

“Por último, está a questão da corrupção, percebida como perpassando todos os níveis da administração pública, e da qual foi protagonista em anos recentes o partido do Governo, o PT – daí o clamor e revolta de milhões de brasileiros”, adianta o investigador, para explicar por que é que este movimento está a gerar tanto apoio.

O cantor e compositor Milton Nascimento, em entrevista à agência noticiosa EFE, disse estar emocionado

com os protestos. “As pessoas nas ruas sabem do que necessitamos. Sabemos há séculos. A exploração, a corrupção e a omissão... tudo segue igual, desde que estas terras foram ocupadas. Só que agora ocorreu o que os políticos não esperavam: o povo está passando da conta e, mais importante, vai cobrar caro.”

O trabalho que Dilma e os restantes políticos brasileiros têm pela frente, para tentarem reencontrar-se com os interesses do povo brasileiro, é vasto. “Nos três últimos anos, a economia brasileira cresceu a níveis irrelevantes (em 2012, foi menos de 1%), a inflação voltou e superou a meta estabelecida pelo Governo [6,5% para 2013], e os serviços públicos têm um custo fiscal (impostos) de tipo escandinavo [36% do PIB, diz a revista *The Economist*], mas resultados de tipo nigeriano”, sublinha José Álvaro Moisés.